

Título: Um tupi tangendo o inefável: poesia e arquitetura no modernismo brasileiro

Autor(es) Sergio Carvalho de Assunção*

E-mail para contato: scassuncao@uol.com.br

IES: UNESA

Palavra(s) Chave(s): Poesia; Vanguarda; Arquitetura; Antropofagia; Arte Moderna

RESUMO

A comunicação Um tupi tangendo o inefável: poesia e arquitetura no modernismo brasileiro é resultado de uma das linhas de pesquisa que compõem o Projeto de Pesquisa e Iniciação Científica, intitulado Vanguardas Brasileiras do século XX, desenvolvido entre o período de 2011 a 2013, no curso de Letras da Universidade Estácio de Sá/Nova Iguaçu, com bolsa de fomento da Faperj. Pode-se concluir que este projeto cumpriu seus objetivos principais ao iniciar o aluno de Letras à pesquisa e produção científica, potencializando sua maturação crítica e formação acadêmica, por meio da efetiva participação na vida acadêmica. Esta participação englobou desde a pesquisa bibliográfica orientada, apresentação de comunicações em semanas de iniciação científica, culminando com a produção textual de artigo científico para publicação e ingresso em curso de pós-graduação. Além disso, a pesquisa proporcionou ao jovem pesquisador, sobretudo, pensar o lugar da Universidade, a importância da pesquisa acadêmica e o papel do jovem pesquisador na produção cultural e universitária, feitas no Brasil. O projeto visou objetivamente investigar as Vanguardas brasileiras do século XX a partir de um lugar estético, crítico, móvel e transversal. Primeiro, por partir de um eixo poético da construção por meio da palavra em relação direta com a poesia. Segundo por ser experimental, ao fundir as linguagens estéticas e estabelecer a arte como um campo de experimentação. E terceiro, por ser antropofágico, ao incorporar seletivamente elementos de outras culturas e tradições, cultivando a reflexão da produção cultural de uma moderna consciência no Brasil do século XX até a contemporaneidade. Ao investigar o diálogo entre a arquitetura e a poesia, faz-se a aproximação da obra de Oscar Niemeyer sob a perspectiva da moderna poesia experimental e antropofágica da vanguarda, desde Oswald de Andrade, Murilo Mendes e João Cabral, ao assumi-la tanto como ferramenta crítica de desconstrução dos modelos canônicos, quanto espaço de experimentação, reinvenção e afirmação da identidade cultural moderna no Brasil do século XX. Assim, para Niemeyer, a arquitetura moderna não deveria limitar-se ao servilismo utilitarista - como pregava a tradição da moderna arquitetura de Le Corbusier -, mas sim assumir, igualmente, uma finalidade estética, de modo que buscasse provocar o efeito surpreendente e o encantamento que uma obra de arte provoca no indivíduo expectador, de modo que ele pudesse adentrar e participar efetivamente da obra de arte arquitetônica como um espaço utilitário e estético. Além de incorporar antropofagicamente a técnica de Le Corbusier e de fundir outras linguagens estéticas - como as artes plásticas e os azulejos de Cândido Portinari, na Pampulha e no Palácio Capanema -, Niemeyer inventou formas novas e surpreendentes que despontavam para o etéreo, para o onírico, ao criar suas curvas suspensas no espaço, como imagens rítmicas que compõem o ambiente, ou seja, como um poema em que se contempla e se habita por instantes, ao percorrer sua espacialidade sonhada. Assim, em meio ao efêmero espanto de uma contemplação que se eternaliza pela memória, percebe-se a integração entre a vida e a arte, obra e paisagem, a matéria e o sonho, ao reconhecer a forma sublimada e tangível, harmoniosamente, por um instante que durará para sempre na lembrança, ao sermos absorvidos pelos contornos de sua inefável poesia. Contudo, a radicalidade da arquitetura de Oscar foi simultaneamente transsubstanciar o concreto em formas sublimes, suspensas, poéticas, provocando o efeito de espanto e choque, prolongados pela abstração e encanto, ao mesmo tempo em que se opera o contrário, ao transformar o sublime em formas concretas, através das curvas que se estendem ao infinito. A poesia é retirada de sua forma verbal, convencional, ao transcender a palavra pela surpresa do choque, do espanto e do encanto. Poesia que se eleva à visualidade e abstração, sem ser apenas contemplativa - enquanto obra -, mas que exige a participação efetiva do expectador, ou melhor, do expectador-participante, que adentra e habita por instantes a obra, porque para ele: "A beleza é uma função".